

Drogas: a necessidade da parceria família e escola

Anally Valentim Assis de Oliveira *
Orient.: Sérgio de Freitas Oliveira **

RESUMO

Este artigo relata o caso de um aluno do Ensino Fundamental II de uma escola da rede privada que apresentava mau desempenho em termos de socialização e cognição devido ao uso de drogas. Aspectos e questões em termos de cognição, afetividade e socialização estão diretamente relacionados à ausência dos pais e/ou responsáveis pelo educando; a omissão por parte das escolas em relação a tais aspectos é também fator considerável. Quando essas referências são colocadas em planos inferiores, perdem-se valores fundamentais na formação de qualquer ser humano. A necessidade da parceria entre a família e a escola é o cerne dessa discussão.

Palavras-chave: Drogas e desempenho escolar; Parceria família e escola.

O presente artigo baseia-se em um estudo de caso que objetiva analisar o significado da presença efetiva da família e da escola no trato com educandos usuários de drogas.

Cerca de quarenta dias antes do término do primeiro semestre de 2007, ingressava na Escola Sonho Meu¹ o aluno João Porto². Conforme a mãe e o padrasto, o aluno, com quinze anos, estaria prestes a repetir mais uma vez a 7ª série se continuasse na antiga escola da rede pública. Relataram que, devido ao fato de saírem cedo para trabalhar e retornarem somente à noite, não tinham muito tempo com o garoto e o mesmo ficava a maior parte do tempo sozinho. A mãe relatou que João era um bom menino em casa, mas não tinha muito interesse pelos estudos e, ultimamente, estava se envolvendo com um grupo de alunos que também não viam com bons olhos a Escola. Informaram também que não sabiam das constantes advertências e ocorrências recebidas pelo filho. As causas das ocorrências foram as seguintes: ser surpreendido por um servente enquanto bebia vinho e fumava um cigarro no banheiro, desacatar profes-

sores, atrasar constantemente para as aulas, ter desempenho insatisfatório em todas as disciplinas.

Infelizmente, os pais tomaram conhecimento da situação tardiamente. A coordenação da escola anterior ligou para o trabalho da mãe e questionou o fato de ela não comparecer quando solicitada às reuniões e encontros escolares. A partir de então, descobriu-se que assinaturas foram falsificadas, bilhetes, comunicados e até avaliações não foram entregues. Com certa lástima, a mãe revelou que brigou com o filho principalmente pela bebida e pelo cigarro e, ao questionar o aluno sobre o porquê de não comunicar à mãe sobre os recados, o menino simplesmente disse que não adiantaria avisá-la, uma vez que ela nunca tinha tempo para ele.

Bahls e Ingbermann, ao citarem Kumpulainem e Roine, elucidam:

O baixo desempenho escolar em estudantes pode excluí-los, em algum grau, do grupo de estudantes que têm mais sucesso, levando-os ao envolvimento com pares que apresentem problemas em aspectos escolares. O impacto do grupo de pares é um fator que interfere no uso de substâncias, e os autores evidenciam que, quanto maior a associação com pares desviantes, maior a probabilidade de desvio e uso de drogas. (KUMPULAINEM; ROINE apud BAHLS; INGBERMANN, 2005, p. 396).

1. Nome fictício para preservar a identidade da escola.

2. Nome fictício para preservar a identidade do aluno.

* Graduada em Pedagogia com Ênfase em Ensino Religioso pela PUC Minas. E-mail: anallyassis@ig.com.br

** Licenciado em Letras e em Pedagogia. Professor Adjunto da PUC Minas. E-mail: sergiofoliveira@globo.com

Mediante a complexidade desse caso, a coordenação da Sonho Meu conversou seriamente com os responsáveis pelo educando. A proposta pedagógica e as normas básicas de conduta e comportamento exigidos foram expostas. A coordenadora ressaltou que, semestralmente, a Instituição convida um psicólogo especializado para palestra sobre a temática das drogas e que tal palestra estaria agendada novamente para o mês de agosto. A idéia de que a prevenção é a melhor forma de conscientizar e alertar os jovens foi ressaltada. O acompanhamento e a assistência pedagógica no caso do garoto foram garantidos, seja através de observações constantes, seja através de metodologias e recursos didáticos que propiciem um melhor aprendizado.

A estudiosa Regina Lúcia Brandão Alencar explica:

Na ação preventiva, é necessário que haja o reconhecimento de que o problema das drogas precisa ser tratado delicadamente, por ser complexo e ambíguo. Observa-se que as informações e os materiais pedagógicos precisam ser adaptados às características e às exigências de grupos distintos e que a divulgação seja de modo seletivo, dirigindo-se a diferentes grupos: crianças, jovens, pais, funcionários, professores, de forma que a educação preventiva influa de maneira significativa sobre a forma como são percebidas as drogas e a problemática que elas acarretam no ser humano, na sua família e na sociedade. (ALENCAR, 1997, p. 6).

A importância da presença efetiva e diária dos pais e/ou responsáveis na vida escolar dos filhos merece destaque na erradicação e prevenção às drogas e também em situações em que os alunos não possuem um desenvolvimento considerável e satisfatório em termos de aprendizado, consequentes desses e de outros problemas. Muitos aspectos e questões em termos de cognição, afetividade e socialização estão diretamente relacionados à ausência dos pais e/ou responsáveis pelo educando; a omissão por parte das escolas em relação a tais aspectos é também fator considerável.

O doutor e pesquisador José Elias Murad esclarece:

A família é a base da formação e do desenvolvimento do indivíduo. Daí a necessidade de pais ou responsáveis estarem sempre em contato com seus filhos, dando amor, compreensão e carinho, participando de sua vida, esti-

mulando atitudes positivas, dando força no desenvolvimento de talentos, dando bons exemplos, estabelecendo limites, direitos e deveres. (MURAD, 2003, p. 20).

Ciente da monitoria específica a esse aluno, a coordenadora solicitou que todos os funcionários a mantivessem informada, especificamente a equipe docente. Pediu que os professores dialogassem e chamassem o menino para participar e opinar sobre os conteúdos programáticos ministrados e que desenvolvessem com maior constância trabalhos em grupo, principalmente para propiciar um contato maior entre o novato e os demais alunos. Caso observassem qualquer comportamento suspeito associado aos extremos calma e indisciplina, deveriam comunicá-la.

Principalmente no início da segunda quinzena na nova escola, o garoto apresentava uma sonolência incomum. Esse comportamento foi apresentado inclusive nas aulas de Educação Física e durante o intervalo do recreio, períodos em que os alunos normalmente podem extravasar e descarregar suas energias. Praticamente um mês havia se passado e, infelizmente, nenhum avanço notado. O garoto não conversava com os colegas e tampouco atrapalhava as aulas. Seus cadernos continham alguns poucos rabiscos e desenhos; praticamente nenhuma matéria registrada. Enfim, não participava, permanecia indiferente, praticamente estático. Em uma dada situação, o aluno foi encontrado dormindo próximo ao parquinho da Escola. Sem hesitar, a coordenação decidiu agendar uma reunião urgente com os responsáveis. A coordenadora não fez nenhuma exposição de conclusão precipitada, apesar de presenciar semelhante situação com um aluno de outra escola onde havia trabalhado durante considerável tempo; o parecer em tal escola não foi nada aprazível: uso de drogas ilícitas.

Murad estabelece distinção entre drogas lícitas e ilícitas:

As drogas lícitas são as drogas legais, ou seja, aquelas que são aceitas socialmente. Como exemplo, podemos citar o tabaco, as bebidas alcoólicas e alguns medicamentos. As drogas ilícitas são produtos ilegais. Seu uso não é aprovado socialmente. O uso, porte ou tráfico são considerados crimes. Como exemplo, podemos citar a maconha, o crack, a LSD-25 e o ecstasy. (MURAD, 2003, p. 16).

Cerca de quarenta dias após o primeiro encontro, a mãe compareceu à Escola. A coordenadora foi direta e relatou que, sem a presença dos pais, não conseguiria trabalhar e ajudar o João. Sugeriu também que consultassem um psicólogo e que fosse realizado um trabalho conjunto. As suspeitas quanto ao uso de drogas ilícitas mais tarde foram confirmadas pelo padrasto que, em uma das reuniões agendadas, compareceu juntamente com a mãe do aluno.

Bahls e Ingbermann, ao mencionarem Syder e Stoolmiller, salientam:

Quando o comportamento de uma criança não é mais monitorado pelos pais e professores, está estabelecido o estágio de aprendizagem para atos clandestinos, tais como roubar, mentir, cabular aulas e usar drogas. O fracasso escolar recorrente e a rejeição pelos pais, professores e colegas convencionais induzem as crianças inábeis a buscarem colegas que sejam imagens refletidas delas mesmas. São crianças tristes e com pouca habilidade escolar, esportiva e social. Por volta dos doze ou treze anos, os pais e professores podem prontamente identificar quais grupos de crianças são desviantes. (SYDER; STOOLMILLER apud BAHLS; INGBERMANN, 2005, p. 397).

O desfecho deste caso não foi o esperado pela Escola e por todos os profissionais que, de alguma forma, se envolveram na recuperação daquele aluno, mesmo com o pouco tempo de convívio. Antes mesmo que a equipe pedagógica e educativa conseguisse minimizar os déficits em termos cognitivos e sociológicos e ajudasse no tratamento do garoto, mais uma vez o João Porto foi transferido. Os responsáveis alegaram mudança residencial e se comprometeram a procurar um tratamento para o filho assim que chegassem à nova cidade.

Diante deste caso, pode-se perceber que pais e educadores são sujeitos formadores de valores e opiniões, são referências a serem seguidas e não podem camuflar questões tão delicadas que necessitam de reflexões e de algumas ações sem delongas. O adiamento de certas decisões pode comprometer e piorar o quadro do educando vítima das drogas e vítima de uma série de elementos que as envolvem e lhes permitem parecer tão atraentes e indispensáveis. Quando essas referências são colocadas em planos inferiores, perdem-se valores fundamentais na formação de qualquer ser humano. O indivíduo torna-se um ser mais vulnerável e o fracasso escolar, aliado ora à

indiferença, ora à agressividade, ora à passividade, é indício considerável que revela que algo está errado. Esse fracasso nunca está isolado, juntamente a ele há o fracasso como ser social que poderia agir e interagir com seus pares, mas não age; que poderia almejar e lutar por um ideal que realmente valha a pena e que faça sentido para e na sua vida, mas essa luta inexiste para aqueles que não encontram na escola e, especificamente, na família um incentivo, uma motivação e um sentido.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Regina Lúcia Brandão. Informação e cidadania contra as drogas. **AMAE Educando**, Belo Horizonte, n. 271, p.6-11, out. 1997.
- BAHLS, Flávia Rocha Campos; INGBERMANN, Yara Kuperstein. Desenvolvimento escolar e abuso de drogas na adolescência. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 22, n. 4, p. 395-402, out. 2005.
- MURAD, José Elias. O que é preciso saber sobre as drogas. **AMAE Educando**, Belo Horizonte, v. 35, n. 313, p. 16-20, mar. 2003.